

# O LOULETANO

Bibliotheca Nacional

LISBOA

JORNAL PROGRESSISTA—DIRECTOR POLITICO E EDITOR RESPONSAVEL J. P. LARCA

ASSIGNATURAS—Por trimestre, paga adiantada, 500 réis; semestre, 900 réis; anno, 1,800 réis: numero avulso 40 réis. Para fora de Loulé accresce o preço das estampillas.  
Toda a correspondencia deve ser dirigida á rua de S. Sebastião, 72 e 74, ou á rua da Barbacem 10 e 12—Loulé.

PUBLICAÇÕES—No corpo do jornal, por linha 40 réis; annuncios, por linha de typo common, 20 réis, annuncios permanentes, ajuste particular. Annuncia-se qualquer publicação litteraria recebendo-se 2 exemplares. Os originaes enviados á redacção, sejam ou não publicados, não serão restituídos.

## LOULÉ

Na volta das praias a politica encontra, já perfeitamente definido, thema para discussão immediata, no producto das longas locubrações ou *manobras* do sr. ministro do reino.

A idea de uma proxima recomposição ministerial, atirada a publico, a principio como simples boato, tem, nos ultimos dias, tomado vulto, e a julgar pela linguagem da imprensa da capital e até da provincia, será o primeiro ponto a tratar, com toda a seriedade e consideração, logo que as ferias balneares terminem, e os politicos retomem as suas respectivas posições, na faina de bem dirigir os destinos da patria.

Têm sido as *manobras*, dizem, do sr. João Franco que orientaram n'este sentido a marcha da nossa politica com a mira de poder mais facilmente obter da corôa a almejada dissolução do parlamento e firmar em bases mais seguras a influencia da regeneração nas altas regiões da governação publica.

E já se designaram as victimas que hão de ser offerecidas em holocausto ao bom exito da empresa.

Os sr.ºs ministros da fazenda e obras publicas têm já lavrada a sentença condemnatoria nos traços geraes do plano *ferillhusco*.

Isto se depreheende do furor com que *certa* imprensa ataca estes dois ministros, e a que nós, por mais esforços que façamos, não podemos achar explicação razoavel, supposto ou admittido o apoio aos restantes membros do gabinete.

Que uma crise se manifestasse, porque a maioria do governo não concordasse com as propostas d'administração apresentadas pelos sr.ºs Bernardino Machado e Fuschini, comprehendia-se, e natural seria esperar que estes dois sr.ºs ministros fossem sacrificados.

Agora que, se pretenda empurrar para fóra do ministerio dois dos seus membros, simplesmente porque são combatidas pela opinião, medidas em execução que por todos foram aprovadas e sancionadas, é que nos não é dado aceitar sem reparo ou até censura.

Conhecemos o alcance do plano, e sob o ponto de vista do seu auctor ou auctores achamol-o seductor, mas o que se nos afiguram injustificaveis são os meios empregados para o fazer vingar.

Pondo mesmo de parte a questão relativa á vida dos sr.ºs ministros da fazenda e obras publicas, admittindo que os sr.ºs Fuschini e Bernardino Machado deixem as respectivas pastas sendo estas providas em dois cavalheiros quaesquer, que importa esta falta para reforçar a concessão d'uma dissolução proxima do parlamento?

Têm por ventura os sr.ºs Fuschini e Bernardino Machado um tal numero de deputados e pares do reino que possa deslocar a maioria em qualquer das camaras? Não, por certo.

Todos sabem a razão porque entraram para o actual gabinete estes dois ministros e que não foi a sua importancia parlamentar, quanto ao numero de adeptos, que determinou a indicação dos seus nomes na lista ministerial.

Se, pois, os dois ministros destinados ao sacrificio não influem na maioria, claro está que o sr. Hintze Ribeiro não pode fundamentar um pedido de dissolução na recomposição, a não querer admittir que os ministros escolhidos sejam de valor negativo, isto é, que tenham o dom especial de afujentar os proprios amigos, o que seria contraproducente em relação ás razões allegadas para a necessidade de alijar os sr.ºs Fuschini e Bernardino Machado.

Se estes ministros devem sair, porque são rijamente combatidos pela opinião, justo é que não possam entrar outros que comecem logo por não merecer as boas graças dos *genuinos* representantes d'essa mesma opinião, a ponto de decidir do equilibrio parlamentar.

Assim, a recomposição não trará melhores titulos ao sr. Hintze Ribeiro ou ao sr. João Franco para o pedido da dissolução, e a corôa que, de certo se não negará á satisfação do *meio*, ficará sem indicação clara e constitucional para a concessão do *fin*.

A recomposição fazendó-se pela queda do gabinete e sendo o sr. Hintze Ribeiro novamente encarregado de organizar situação, tem os mesmos embaraços que a recomposição parcial, ou mais, se entrarmos em linha de conta com os motivos determinativos da queda.

Cae o governo, porque estes dois ministros foram maus? Mas todos os membros do gabinete eram solidarios?!

Então a condemnação deve ser geral, e o sr. Hintze Ribeiro ou qualquer dos

actuaes ministros não pode receber a incumbencia de formar nova situação.

Culpado todo o ministerio devem sair todos os ministros, mas para não voltar nenhum, visto que todos incorreram em erro.

De qualquer dos modos, a recomposição não será elemento de força do governo, e antes pode ser a causa proxima da sua completa ruina.

Se se recompõe e a corôa lhe nega a dissolução, cae; se se deita abaixo, arrisca-se a não se levantar.

Ora o melhor, parece-nos, seria o governo apresentar-se tal como está ao parlamento, ou então demittir-se a valer.

## O serviço dos correios

Apesar das reclamações que todos os dias os jornaes inserem, e das providencias reclamadas a cada passo com relação ao serviço dos correios, continúa elle a ser feito de um modo lastimavel, dando aso a continuas queixas da parte do publico, e ainda até hoje, parece, não se tem tomado resolução alguma que ponha cobro aos abusos successivos, ou pelo menos essa resolução, ou providencias não têm chegado a toda a parte.

Todos os dias ouvimos protestos contra a maneira como no correio é feito o serviço, quer com respeito á correspondencia expedida d'aqui, quer com relação á recebida.

O facto positivo e assente, que os abusos se dão, os roubos continuam e o publico não pode ter confiança alguma no correio, porque as violações da correspondencia não cessaram, e os estravios são sem numero, e as demoras são de todos os dias.

Narremos algumas queixas que nos têm sido feitas;

No dia quatro de setembro proximo passado, um commerciante d'esta villa fez expedir para outro collega do Porto uma carta com uma letra dentro (1.ª via); como lhe tardasse a resposta dirigiu-se novamente, no dia 14, ao mesmo commerciante, perguntando-lhe se tinha ou não recebido a letra.

A resposta foi negativa.  
No dia 19, enviou nova carta com outra letra, (2.ª via) que igualmente não chegou ao seu destino.

Nos fins do referido mez de setembro escreveu terceira carta e remetteu a terceira via de letra, convenientemente registada, sem que, até á data em que escrevemos, tenha

ainda obtido resposta da recepção.

Outra reclamação:—  
Um particular enviou para um seu amigo uma carta, incluindo n'ella uma nota e umas estampillas; passado tempo, encontrando-se os dois, o primeiro estranhou a falta de resposta, e pelo destinatario lhe foi dito, sob sua palavra de honra, que tal carta não tinha recebido.

Ha pouco se nos queixou um nosso amigo de que, tendo remetido, juntamente com uma carta, um recibo de pagamento; nem carta nem recibo chegou ao poder do destinatario. A conclusão d'isto é a seguinte.

Logo que nos correios se encontre alguma carta um pouco mais volumosa, contenha valores ou não, é aberta; se contem valores, estes são aproveitados por quem tem a curiosidade de examinar o contheudo, se os não contem, é completamente inutilizada e reduzida a cinzas, ou lançada para algum canto da casa por algum menos cuidadoso e menos esperto, o que ainda não ha muito se descobriu em Lisboa na residencia d'um carteiro.

Não percebemos tambem a razão porque a correspondencia lançada no mesmo dia e a horas competentes na repartição central dos correios em Lisboa, chega aqui no dia immediato, para uns e só dois dias depois, para outros, tendo alem d'isso o carimbo do correio de Lisboa, do mesmo dia.

Misterios do correio, que a nossa intelligencia não concebe e que só a perspicacia dos respectivos empregados é capaz de explicar.

Uma publicação de Coimbra remetida para esta villa, com a cinta impressa nitidamente, andou passeando pela Varzea de Goes, d'onde foi devolvida á redacção e só passados dias chegou aqui.

Estas irregularidades, abusos e demoras podem causar, e na realidade causam, grandes transtornos e graves prejuizos, não só ao commercio, que não pode estar todos os dias a registar a sua muita correspondencia, o que augmentaria consideravelmente a despeza, mas igualmente ao publico em geral.

Não sabemos que mais providencias havemos de reclamar; a narração dos factosahi fica para que sobre ella se lance um olhar compassivo, afim de ver se possível é remediar de futuro estes males, que acarretam enormes prejuizos ao publico, ou quando mais não seja, para que este se acantele e previna contra estes abusos.

## FOLHETIM

### A EXILADA

POR

PIERRE LOTI

DA

ACADEMIA FRANCEZA

CARMEM SYLVA

Novembro de 1887.

A alguma distancia ha, em uma clareira uma estranha casa de caça, em velhissimo estylo gothico, cheia de pelles de urso, de pintas de animaes e de cabeças de javardos e de veados. A rainha possui ali um gabinete de trabalho muito mysterioso, muito solitario. Toda aquella habitação faz pensar em algum chalet da *Belle ou bois dormant* que porventura se tivesse conservado, desde a idade média, ao abrigo dos pinheiros.

Ali era todas as manhãs o ponto de reunião, geral, antes de se entrar no castello a fazer toilette para o jantar do meio dia. Encontravam-se então vindas por diferentes caminhos as damas de honra e as «filhas» da rainha que não tinham seguido o passeio pela floresta.

Foi ali que eu ouvi pela primeira vez a propria rainha ler uma das suas novellas que ella assigna com o nome de *Carmen Sylva*. Desde que a musica da sua voz começou a resoar, fez-se, de repente, um silencio religioso.

Ha uma dilacerante e pequenina historia, escripta com um raro vigor dramatico e recordo-me ainda dos estremecimentos que senti emquanto a escutei...

Mas não é n'estas notas rapidas, o lugar proprio para fallar do seu talento de escriptora; não quero mesmo tocar n'este assumpto que seria preciso tratar de uma maneira muito mais séria, em longos capitulos; e se fallei de esta leitura foi unicamente para contar uma insignificante anedocta que me ficou na memoria.

Antes de começar, a rainha quiz pegar no *lorgnon* que estava seguro ao seu singelo corpete por um de estes diamantes enormes como só possuem as rainhas. As suas «filhas» que a cercavam, tinham protestado, dizendo:

«Não, isso não fica bem a Vossa Magestade.

Nós não queremos que Vossa Magestade occulte os seus olhos, era uma pena!»

Uma d'ellas, principalmente, que fazia de *enfant gaté* junto da rainha tinha-se opposto formalmente a isso e Sua Magestade sorrin-

do tinha obedecido.

Mas no fim de algumas paginas, tendo-se os seus olhos velado um pouco, dirigiu-se á pequena com um sorriso supplicante e disse com a sua voz de ouro como que em uma supplica: «Oh mas é que isto fatiga-me muito...»

Esta pequenina phrase pronunciada n'este tom por uma rainha pareceu-me uma coisa adoravel.

Os pinheiros muito altos, que por toda a parte nos cercavam espalhavam uma meia escuridão, azulada, pelas esculpturas ogivaes da sala em que nos encontrávamos.

Ouvia-se um murmurio de agua misturar-se á voz da rainha; era um regato que descendo das montanhas passava junto da casa de caça.

Comtudo eu estava bastante proximo de Sua Magestade para poder seguir um pouco as suas paginas que se soltavam e grande foi a minha surpresa de ver que a rainha lia em francez o que estava escripto em allemão. Teria sido impossivel advinhal-o, porque não havia hesitação alguma, na sua leitura encantadora, e mesmo as suas phrases improvisadas eram sempre harmoniosas.

Uma unica vez se interrompeu por uma palavra que não vinha um nome de planta de que ella não recordava o equivalente em fran-

cez. «Oh!...» disse a rainha passando o olhar no tecto e começou a bater, levemente, mas tendo um bocadinho de impaciencia, com o pé no chão, como alguém que precura.

Depois, de repente, sacudindo o braço de uma das meninas que estava sentada junto d'ella. «Vamos, o que é que esperas para me encontrar este nome, tu, minha patelinha!»

Era preciso a sua voz e o seu encanto, para fazer d'esta phrase muito familiar que teria parecido trivial em qualquer outra bocca, alguma coisa de soberanamente distincto e de soberanamente doce;—alguma coisa de tal forma inesperada e de tal forma comica que começámos todos a rir...

E não obstante, foi em um momento d'esta leitura em que as lagrimas nos subiam aos olhos, a nós que com tanto recolhimento a escutávamos.

Carmen Sylva, lendo ella propria as suas obras é a unica pessoa que, com uma ficção, conseguiu ainda commover-me até me fazer chorar, e é talvez este o maior elogio que eu posso fazer ao seu talento, porque, mesmo no theatro onde tantos homens se commovem, nunca semelhante coisa me succedeu a mim.

(Continúa).

Quando se restabelecerá a completa confiança nos correios?

Quando se garantirá a inviolabilidade da correspondencia para completo socego e tranquillidade de todos?

Quando se farão rigorosas syndicancias ao possoal dos correios?

Quando se descobrião os auctores d'estes attentados, e se expurgará o correio do pessoal que não sabe cumprir a missão que lhe confiaram, missão de completo silencio, absoluto segredo e a mais perfeita inviolabilidade?

Quando se decretarão medidas rigorosas, attinentes a cortar por uma vez o mal pela raiz, estabelecendo uma conveniente selecção de todo o pessoal?

A estas interrogações que deixamos feitas, só poderá responder o sr. ministro das obras publicas e a direcção geral dos correios, repartição dependente do mesmo ministerio.

Parte amanhã no comboio da tarde para Coimbra, afim de continuar nos seus estudos na formatura de direito, o nosso excellente amigo, o bacharel Antonio Maria Fructuoso da Silva.

Bôa viagem e muita felicidade na terminação da sua vida academica é o que sinceramente desejamos ao nosso amigo.

**Regresso:**—Regressou de Lisboa, na passada quinta-feira, o nosso presado amigo, sr. Sebastião Rodrigues Corrêa, que para ali tinha partido no dia 27 do passado mez de setembro.

Foi nomeado official honorario ás ostdens de Sua Magestade el-rei o nosso excellente amigo o sr. Antonio José Garcia Guerreiro dignissimo capitão do corpo de estado-maior

Uma distincção merecidissima que, se honra quem a recebeu, nobilita quem soube applical-a com justiça.

Ao nosso bom amigo as nossas cordeas felicitações.

## Escandalos

Todo o empregado está sujeito a commetter no serviço, qualquer irregularidade, muitas vezes desculpavel, porque a vontade em nada contribue para ella, mas desde que essas irregularidades tomam a feição chronica, então passam a não se denominar irregularidades, mas sim escandalos e abusos.

Logo que tomem este caracter, é necessario que os poderes superiores tenham conhecimento d'elles afim de lhes pôr cõbro e remediar de futuro outros, que possam causar maiores males, já ao governo, já ao publico em geral, que se vê vexado e victima de grandes injustiças.

Ainda ha pouco, um documento official, publicado no *Diario do Governo*, veio confirmar plenamente a necessidade urgente e inadiavel de se pôr um dique á torrente constante dos escandalos praticados impunemente.

Referimo-nos ao mappa das dividas ao estado n'este concelho; esse mappa diz-nos que a totalidade d'ellas attinge a cifra de 20 contos de réis.

A quem pertence a responsabilidade d'estes actos?

A duas pessoas: ao escrivão de fazenda, quando não instaure os processos, e ao delegado do procurador regio, quando os tenha retidos em casa, não promovendo o andamento d'elles.

Mas como ha de um escrivão de fazenda cumprir os seus deveres, quando se serve da repartição para fazer politica a favor de qualquer triumpho e principalmente d'um *mano*.

São bem publicas e notorias, ao tratar-se de qualquer eleição, os correrias eleitoraes que, o escrivão de fazenda, José d'Azevedo Pacheco, *mano* do sr. Marçal Pacheco, faz continuamente, abandonando durante dias successivos a repartição a seu cargo; são bem publicas e notorias as ameaças a todos que não queiram dar o seu voto para o conseguimento dos fins da *honesta* politica do sr. Marçal Pacheco, bem como as promessas aos que se curvem á sua vontade.

E' bem publico e notorio que o sr. dr. Athaide, uns dos galopins do sr. Marçal Pacheco, ha annos não paga as suas contribuições, no mesmo caso está João Pacheco, tambem *mano* do sr. Marçal, em identicas circumstancias outros professos da *honesta* politica do sr. Marçal.

A quem compete a responsabilidade d'estes escandalos?

Mas, descancemos hoje aqui que o caminho a percorrer ainda é bastante longo.

Foi exenerado a seu pedido de um dos logares de facultativo municipal de Olhão o nosso presado amigo sr. dr. Manoel Augusto de Lacerda que vai fixar a sua residencia em Lisboa. Ficou interinamente provido no referido logar o sr. dr. Joaquim Raymundo da Fonseca.

Olhão perdeu um medico distinctissimo, que alliava a uma lucidissima intelligencia um caracter primoroso.

Foi operado de lithotricia em Lisboa o sr. dr. José Francisco Guimarães, digno presidente da commissão districtal de Faro e professor do Lyceu na mesma cidade.

A operação correu bem e sua ex.<sup>a</sup> acha-se melhor, regressando brevemente a Faro.

**Festa:**—Deve realizar-se no dia 22 do corrente na igreja parochial de S. Sebastião d'esta villa a festa de S. Luiz, uma das melhores d'esta terra.

Este anno será feita com grande esplendor para o que os festeiros têm empregado todos os esforços e angariado valiosos donativos.

Haverá brilhantes illuminações e vistosos fogos de artificio, alem de outras diversões que serão em tempo annunciadas.

Será certamente esta a primeira festa d'este anno em belleza e grandeza.

Agradece-nos reconhecido o nosso presado collega *O Districto de Faro* umas ligeiras referencias que fizemos a um seu artigo editorial intitulado *A Politica no Algarve*.

Não pedia o caso tanto, collega. Não fomos amaveis, nem attenciosos e delicados, como diz, mas simplesmente verdadeiros e sinceros, como sempre o desejamos ser, sem mira no louvor, nem receio da censura, ou da infamia a que andamos habituados, desde o nosso aparecimento.

O que não quer dizer que não registemos as palavras do collega como mais uma prova da muita benevolencia com que nos acolheu e da extrema consideração que sempre nos tem dispensado.

A seguir, o nosso presado collega rectifica uma passagem do nosso artigo, em que o consideramos militando, em tempo, no partido regenerador.

Da melhor boa vontade aceitamos a rectificação, mesmo porque não foi nossa intenção, ao empregar a palavra *militou*, significar que o collega houvesse estado em tempo algum filiado no partido regenerador.

Conhecemos da vida do collega o sufficiente para lhe não attribuir um papel que nunca representou.

Depois, o collega apresenta rapidamente as razões porque não poderia pertencer á regeneração, deixando ver que o seu ideal politico se funda nos principios de liberdade e democracia; e a proposito da politica geral no Algarve, que julga *convertida n'uma politica de deprimentes accordos ignobis transigencias* mostra uma profunda descrença na *redempção* pela falta de Messias competente.

Plenamente d'accordo com o nosso presado collega, quanto ao estado da politica no Algarve, que afinal é o reflexo verdadeiro da politica geral do paiz, já discordámos na natureza das causas que produziram um tal estado e discordamos ainda no que diz respeito ao modo de restabelecer justas normas de boa politica.

O collega está como os judens, á espera d'um Messias, que aliás se não coaduna muito com as idéas de liberdade e democracia; e nós, mais rigorosamente ligados á evolução progressiva na ordem social que continuamente vae desenvolvendo e radicando os principios de liberdade e democracia, fiamos a *regeneração*, antes, do apostolado d'uma *sã doutrina*.

Se em materia de fé admittimos Messias, em politica, que é a synthese de todas as sciencias, não concebemos a existencia d'um só ente com attributos de redimir peccadores inveterados.

O filho d'um Deus *todo poderoso e omnisciente*, o verdadeiro Messias nas crenças do catholicismo, durante a sua curta vida, apenas conseguiu catechisar uma parte relativamente diminuta da humanidade; e, decorridos hoje quasi dezenove seculos d'uma propaganda persistente, em pró do christianismo, ainda as verdades d'esta divina doutrina não puderam illuminar os cerebros da maioria do genero humano.

Ora, se para a accepção de principios emanados d'uma origem divina, é necessaria a propaganda constante e eloquente durante

muitos seculos, os sacrificios de milhares e milhares de vidas, como poderão as verdades d'uma doutrina profana penetrar os humbraes do entendimento humano pelo simples esforço d'um só homem, embora dotado das mais brilhantes qualidades e dos predicados mais distinctos?

Os principios d'uma religião podem ser estabelecidos por um Messias, os fundamentos d'uma boa politica só podem encontrar-se na sciencia, producto das locubrações, das fadigas e sacrificios de muitas gerações.

O *grande homem* tende a desaparecer com a implantação da democracia, e á medida que se avança no caminho da perfectibilidade vemol-o reduzirem-se-lhe as proporções á craveira que por todos pode ser attingida.

Não queremos desconhecer que nos achamos ainda n'uma phase evolutiva muito atrazada para dispensar completamente uma certa tutela dos mais sabios e distinctos.

Mas d'aqui até á confiança illimitada nos meritos d'um só vai grande distancia.

Applicando estas considerações geraes ao caso particular de que nos occupamos, temos bem definida mais uma vez a nossa attitude em face do estado desgraçado da nossa politica.

Somos, na politica geral do paiz, como na politica do Algarve, pela organização de fortes agremiações partidarias em que domine a solidariedade de idéas.

Quando revelamos a crença de que haja no Algarve quem possa continuar tradições de um partido ou de um homem, não é nosso proposito referirmo-nos ao aparecimento ou vinda de qualquer salvador ou Messias; queremos tam somente significar que temos confiança nos bons sentimentos de muitos homens de valia não contaminados ainda pelos vis processos de uma baixa politica.

E no fim de contas estamos convencidos que o nosso presado collega *O Districto de Faro* aceitará as nossas conclusões.

Partindo dos mesmos principios é claro que deverá esperar resultados identicos.

Em bases *determinadas* as mesmas causas produzem sempre os mesmos effectos, dadas as mesmas condições.

Desculpe-nos o nosso presado collega esta palestra amigavel, que unicamente visa a demonstrar-lhe, a par da boa vontade em concorrer para o restabelecimento de uma politica seria no districto, o nosso respeito e consideração pela sua longa vida de trabalho e de infortunio sympathico.

## Contos rapidos

*Um dia, numerosa cavalgada*

*Apeia-se ao portão;*

*Limpa o pó; sobe a escada;*

*E entra no salão.*

Perdão; não é isto. D'esta vez não era pó, era agua, uma agua meudinha, um chuveiro que transformava o caminho n'um lamaçal, exactamente o contrario do que era d'aquella vez, em que só havia flores, sol e... pó.

D'esta vez... numerosas cavalgaduras.

Descem do carrão;

Sacodem a lama;

Entram no paito

E esperam no portão.

E' uma manifestação *expontanea* d'homens, intimados por... adeante, não importa saber por quem, que vão *livre e consciencamente*, coitados, pobre consciencia, pedir para que fique no poleiro o *mano* do seu *muito alto e poderoso senhor* que, por um desvio da sorte, cahiu das alturas onde estava, arrastando na queda todos os *pi-pis* que se abrigavam debaixo das suas azas.

Deve ter logar no domingo proximo a festa de S. João dos Mattos d'Almancil, havendo na tarde procissão e á noite arraial; abrihantará estes actos a *philarmonica Artistas de Minerva* conhecida pela *Nova*.

Consta ao nosso presado collega *O Districto de Faro* que abundam os candidatos ao logar de sub-delegado do procurador regio na comarca de Faro, vago pela exenoração do sr. dr. Arthur Aguedo, apresentando-se já varios pretendentes, mas que a nomeação não será feita por agora.

E' caso! Pois já é considerado *posta* apectada, o logar de sub-delegado?

Regressou d'Aguiar a esta villa a sr.<sup>a</sup> D. Maria d'Assumpção Castro esposa do nosso amigo sr. Antonio Jacintho de Castro, digno regente da *philarmonica Artistas de Minerva*.

Regressou dos banhos de Quarteira a ex.<sup>a</sup> familia do nosso amigo sr. José Joaquim Rocha Junior.

Chegou a esta villa e acha-se hospedado em casa do nosso amigo Bento M. P. Gomes o sr. Sebastião R. Centeno, dignissimo representante da bem acreditada casa commercial do sr. Alberto R. Centeno & C.<sup>a</sup> da Praça de Lisboa.

Foi louvada a guarnição da canhoneira *Faro*, pelos bons serviços com que succorreu a chalupa portugueza *D. Rosa*, que, abalrou na noite de 17 de mez passado, com uma armação de pesca, proximo do cabo de Santa Maria.

A canhoneira *Faro*, conseguiu safar a chalupa e rebocal-a para o porto de Faro.

Durante alguns dias da semana finda, esteve entre nós, o nosso amigo sr. Francisco Barbosa Formosinho e retirou-se na sexta-feira para Lisboa onde reside.

A implorar a intercessão do sr. governador civil do districto junto do governo, afim de continuar servindo n'este concelho o escrivão de fazenda de Loures, José d'Azevedo Pacheco, foi na sexta-feira passada a Faro, o partido do sr. Marçal Pacheco, acompanhado de muitos cidadãos recrutados, uns a tantos réis por cabeça, outros por ameaças dos rendeiros camararios e ainda um grande numero pelas praticas solemnes feitas em plena missa conventual, pelo rev. prior de Boliquireme.

O sr. administrador do concelho limitou a sua iniciativa aos grandes influentes muitos empregados de diversas repartições, usaram da ameaça para a persuasão das turtas e os rev.<sup>os</sup> priores da villa, Sair e Boliquireme serviram-se da unção do seu verbo sacro para conduzir as suas ovelhas aos pés do *energico Messias*.

Uma manifestação imponente de *expontaneidade!*

Mas tanta gente incommodada, para quê? Para o rev. padre Athayde expôr ao sr. governador civil, que o escrivão de fazenda de Loures é tão bom empregado que até as receitas d'este concelho, onde tem servido n'estes ultimos annos, têm augmentado; e que, em vista d'este facto, justo é que o referido escrivão não vá para Loures e fique por cá!

Um prodigio de eloquencia que não poude deixar de abalar a energia do sr. dr. Matheus a tal ponto, que immediatamente, prometteu levar ao conhecimento do governo o numero dos habitantes de Loulé que, em peregrinação, haviam ido a seus pés implorar misericordia, para a politica agonisante do sr. Marçal Pacheco; perdão, o que sua ex.<sup>a</sup> disse foi que informaria o sr. ministro da fazenda da *expontaneidade* da manifestação de muitos cidadãos de Loulé, amigos do escrivão de fazenda de Loures, contra a melhoria concedida ao escrivão de Loulé, José d'Azevedo Pacheco, elevando-o de 3.<sup>a</sup> a 2.<sup>a</sup> classe. E com estes dizeres se encerrou a magna sessão, a que somente assistiram os *cabeças*, enquanto a multidão *expontanea* ia debandando pelas circumvisinhanças da praça de Faro, sob um chuva persistente e incommoda, e n'um vacuidade estomacal nada invejavel.

Emfim tudo correu muito *expontaneamente* e muito *imponentemente*, e agora só resta aguardar a ultima palavra do sr. Fuschini, tão mal tratado pelo sr. Marçal Pacheco e tão solicitado agora pelos seus *amigos*.

Ficamos cheios de curiosidade á espera de ver como um escrivão de fazenda de Loures, 2.<sup>a</sup> classe, poderá continuar em Loulé, 3.<sup>a</sup> classe, sendo-nos indifferente politicamente que o *mano* do sr. Marçal Pacheco vá ou fique.

O escrivão de fazenda de Loures é considerado uma grande potencia politica em Loulé, e afinal de contas toda a sua influencia se reduz ás dependencias da repartição de fazenda.

No dia em que um governo o obrigasse a observar a lei que lhe defende galopinar na politica, o grande *potentado* mostraria as suas reaes proporções—um pygmeu.

Por intermedio do ministro de Hespanha em Lisboa, o governo hespanhol enviou ao Conselho do Almirantado duas commendas de terceira classe para os sr., capitão-tenente Francisco Teixeira dos reis, adjunto do chefe do departamento maritimo do sul e 1.<sup>o</sup> tenente Joaquim Antonio Nunes da Silva, commandante da esquadilha fiscal, e uma com-

menda de segunda classe para o 1.º tenente Francisco Eduardo dos Santos, immediato da canhoneira *Tavira*, com que ultimamente haviam sido agraciados pelos serviços prestados por estes officiaes, fazendo parte da commissão de delimitação do rio Guadiana.

São estas, segundo nos consta, as primeiras condecorações d'este genero que são concedidas a officiaes portuguezes, 1.ºs tenentes. As nossas felicitações aos agraciados.

### A Festa da Senhora do Bom Sucesso na ermida de Valle Judeu e o rev. Padre Miranda

No domingo passado realison-se a festividade da Senhora do Bom Sucesso, na sua ermida situada em Valle Judeu.

Como de costume antiquissimo a mordomia apresentou ao prégador, para ser lida no pulpito, a lista dos novos mordomos para o anno proximo futuro. O prégador, porém, que era o rev. padre Miranda, prior da freguezia de S. Sebastião d'esta villa, á falta de padres na diocese, entendeu que devia ler uma outra lista que já levava preparada de Loulé.

Calcule-se o espanto de toda a gente que conheceu a petulante arbitrariedade do rev. prior, e a indignação de todos ao saberem o movel de um acto, indigno de qualquer pessoa séria e inqualificavel n um sacerdote que, de mais a mais, é o parochó da freguezia em cuja area se acha situada a capella do Bom Sucesso.

Foi devidamente exprobadado um tal procedimento, com a rudeza propria da gente do campo, mas com a sinceridade e altivez de quem se vê ludibriado; e o rev. prior, mal terminou a procição, abandonou immediatamente o sitio, sem que ninguém lhe dispensasse a minima consideração.

Agora, resta ainda que o ex.º Prelado proceda, como é de justiça, lembrando ao padre Miranda os seus deveres de bom parochó e castigando devidamente a burla de Valle Judeu.

Afora este incidente desagradavel, a festa correu o melhor possível, havendo alem das solemnidades religiosas, cavalladas de tarde, danças e fogos de noite.

Abrilhantou a festividade a excellente philarmónica *Artistas de Minerva, a Nora*, que se houve como sempre muitissimo bem.

Aos mordomos, a quem principalmente se deveu o brilhantismo da festa, os nossos bons amigos Teixeira e Manoel Romão Coelho, enviamos, juntamente com as nossas felicitações, os nossos agradecimentos pela maneira bizarra e distincta com que nos receberam.

Acha-se entre nós o sr. Antonio da Silva Marques, dignissimo empregado da bem acreditada casa commercial dos srs. Diogos da Silva & C.ª da Praça de Lisboa.

Esteve n'esta villa o sr. Francisco Gomes Baptista, conceituado negociante de Villa Real de Santo Antonio e genro do nosso amigo sr. Miguel Flores.

### Previsão politica

#### 1.º TRIMESTRE

**Dia 6 d'outubro**—Turvam-se os ares. Uma grrrandissima nublouse caminha na direcção sul (Loulé a Faro) actuando no astro de 7.ª grandeza—Matheus, para que elle faça com que o satellite sr. Josésinho continue na sua orbita, d'onde se tinha desviado por causa do cometa Marçal fazer asneira em toda a parte que toca com a cauda.

**Dia 6 de novembro**—O satellite sr. Josésinho continua desviado por o astro Matheus não poder resistir á força repulsiva do grande astro Ministro, muito caudalado pelo cometa Marçal.

**Dia 6 de dezembro**—Muda o tempo. Grandes acontecimentos nas altas regiões. Apparecem novas execuções fiscaes. Athayde e Pacheco pagam as contribuições e são recebidos os fóros e alugueis das casas da Santa Casa da Misericórdia! *Noohertesim.*

**Partida:**—De Quarteira para a Trafaria, para onde mudou a sua residencia, partiu o nosso amigo e assignante, sr. padre José Joaquim Aguas da Cruz.

Que seja por lá muito feliz.

O padre José Joaquim Aguas da Cruz, despede-se e penhorado agradece a todos os seus amigos de Loulé tantas finezas recebidas, offerecendo a todos o seu limitado prestimo na Trafaria, concelho d'Almada, para onde vae residir.

## VENDEM-SE

Por BAIXO PREÇO acções da empresa do jornal o «Algarvio».

Quem pretender dirija-se á redacção do «Louletano».

Da digna Associação Commercial de Lisboa recebemos dois folhetos intitulados:

*A revisão da lei dos cereaes*, representação dirigida ao governo em 13 de setembro do corrente anno, cujas conclusões são as seguintes.

*Primeira.* Que dos terrenos cultivados apenas 5 por cento são destinados á cultura do trigo, de modo que a lei de 1889 só poderá continuar a subsistir accetando a lavoura a fiscalisação na raia, ou dando o lavrador ao manifesto toda a producção.

*Segunda.* O decreto de 27 d'agosto de 1891 deve ser revogado, porque a todos deve ser permitida a compra de trigo nacional, e na proporção o despacho de trigo estrangeiro.

*Tercera.* O direito actual, augmentado com o agio, é superior ao de todos os paizes. Assim não deve ser augmentada a taxa, nem do seu augmento resulta alteração do regimen vigente—a venda certa e o preço certo.

*Quarta.* Que da lei de 1889 não resultou augmento da cultura extensiva ou intensiva do trigo.

*Quinta.* Que a redução nos direitos de milho e mais forragens é de conhecida necessidade, porque o povo portuguez é o que peor se alimenta.

*Sexta.* Que a sonegação dos rendimentos da propriedade rural não é inferior a 100 por cento; por isso a lei dos trigos deve ser suspensa até se fazer luz sobre tal accusação.

*Setima.* Já em 1837 e 1839 se pedia o manifesto da producção dos cereaes.

*Oitava.* O imposto do consumo em Lisboa renhe mais do que a propriedade rural no continente.

*Nona.* Todos devem ter eguaes direitos de despachar trigo estrangeiro e comprar trigo nacional.

*Decima.* Deve cessar por completo a importação de farinha por conta do estado.

*Undecima.* A fabrica *Manutenção do Estado* deve ser vendida em hasta publica, porque é missão dos governos proteger as industrias.

*Duodecima.* A criação das *padarias municipais* não tem razão de ser.

*Decima-terceira.* Reformadas as leis nos termos indicados, é desnecessaria a providencia da portaria de 27 d'abril de 1892, *creando delegações do mercado central*. A commissão inspectora de 1839, exerceu funções *gratuitas*, como gratuitos foram sempre os serviços no Terreiro Publico, até 1888.

### A melhor rosa

O regato deseje preguiçoso, em colleações serpentinas, murmurando aos seixos, que lhe sulcam no dorso escamas de cristal, segredos a nós imperscrutaveis.

Aos mais arrebitados, diz, em mais alto sussurro, uns ralhos amigos. E assim ralha tambem aos sarmentos do sarçal que, fingindo querem-n'o acompanhar, depois se retrahem, rasgando-lhe a veia.

Mais abaixo, enfurece-se deveras. Corpulento pedregulho se lhe ergue no caminho.

Tentando embargar-lhe o curso!... aquelle atrevido.

Então, encrespado o lombo em frisados rolos, recua; concentra-se a formar pulo, e galgando por sobre a calva fronte da impertinente, cahe em baixo, desferindo argentinas gargalhadas, branquejantes d'espuma. E logo, como o gaiato que, feitas as figas, se furta ao castigo, dá-se pressa em fugir.

Não! que já por mais de uma vez a pedra se tem despenhado em rebolções, a perseguil-o, pisando-lhe as fluentes carnes.

Que objecto alveja derivando á toa?... Algum papel amarrotado... Não! E' um lenço o que voga... nem de todo immerso.

—Esta nodoa!... Sangue! E humido; vermelho; de fresco derramado!...

—Seria um crime?! Seria...?

Assim me interrogando prolonguei a margem. Pungia-me a curiosidade. Queria saber o succedido.

Oh! vista encantadora!

Engastada na balsa de silvas e cynorrhodons em flór, que lhe tufam em torno, vestida de branco, enrubicadas as faces sob os aneis aurisplendentes do cabelo, Rosinha

debruça-se para o rio, como que em pesca de coisa lá caída.

A fimbria da saia, levemente arregaçando-se, entremostra com avara indiscrição, escassa nesga de rosada meia, atochada pela perna de mais correcto modelo que se pode cubiçar.

Lembrava... Lembrava?...—Desistamos de comparações. A quem viu, todas parecem deficientes; para quem não viu nenhuma seriam bastantes.

Onde ir buscar a vida que ali animava o quadro? Com que imitar a deliciosa expressão de amuo pintada no gesto de Rosinha, quando, ao sentir meus passos, se voltou.

—Que lhe succedeu, D. Rosinha? Afogou-se-lhe o *Joli*? Tinha apanhado algum pintasilgo e fugiu-lhe? Ou estava-se mirando na agua e viu um sapo!

—Bem sapo me parece o senhor! Que grande bom gosto! Dizer-me que olhando no espelho vejo um sapo!

—Pelo amor de Deus! Quem lhe disse semelhante heresia? D. Rosinha, ao espelho, vê... Mas espere!... porque tem a mão embrulhada no vestido?... e o vestido róto, cheio de farpas!... Chchch!!!

Contou-me então, como, para colher certa rosa, se insinuara no emmaranhado da sarça; como picara um dedo nos espinhos: deixara cair o lenço, rasgara o facto: e... nada.

—Não a posso apanhar,

—Coitada! a pobre flór antes quer a humildade silvestre do espinhal, que a ufanía de se expandir no seu toucado, D. Rosinha! Ella bem sabe que, ali, brilha e sobresahe; entre os seus cabellos ofuscam-n'a e desmerece. Lá, reina em toro mesquinho e pobre; mas reina, fulge e vale; junto ás suas faces, reclina-se em throno sublime e rico; mas onde se apaga e morre aniquillada no confronto.

—Oh! Como está lyricó! E não tem receio de se evaporar n'esses poeticos arroubamentos?... Ha de m'os escrever no album. Sim?... Mas antes, veja se me apanha a flór. Será talvez fineza mais prosaica, porém de certo mais positiva, e, por agora, mais do meu agrado.

—Diga-me primeiro: porque deseja especialmente aquella? Porque a prefere a todas estas que nada lhe castavam a colher? Não a quer ver pendida a contemplar-se no cristal do arroio?... Deixe-a ter desvanecimentos de formosura; não será ella só!

—Ora, adeus! quero-a por ser a mais bonita.

Percebe?

—A mais bonita?!... Não é tal!

—E'

—Não é.

—Teimoso! Pois não vê?! Maior; mais branca; mais vivo o amarello do seio...

—Ora! Ora! Que scisma D. Rosinha! Olhe; aqui tem esta bem mais bonita... e esta... e esta... e todas! Chega-me a parecer que a sua é a peor.

—Será! Mas para tirar duvidas, vale mais trazer-m'a, que disputar.

—Talvez. Comtudo, antes gosto de a ver com esse arzinho enraivecido. Fica-lhe tão bem! Dá-lhe tanta graça fazer beicinho! Se soubesse quaõ divina está, franzindo esses labios que me estonteam!...

—Então! hein!? Para onde lhe havia de dar!

—Bom! Bom! Não se zangue! Cá vou arrancar-me todo, para lograr o prazer de mostrar-lhe o vazio do seu capricho! Verá que a tal rosa nada presta em comparação d'est'outras.

—Ai! que homem! E não se cala!... Presta, presta, presta.

—Aposto.

—O quê?

—Ora! O quê?!... Outra rosa. A melhor, a mais bella, a mais aveludada, a mais inebriantemente olorosa... Colhel-a-hei na sua face... com os meus labios.

—Não diga tolices!... Apostar com uma senhora!... Vence! Quer ainda premio da victoria!... Veja quanto pode a sua galanteria!... aonde leva a sua amabilidade!... Pois não aposto. Dou-lhe um castigo. Se o senhor perder dá-me um par de luvas; se ganhar... dá-m'o tambem; em paga de o ensinar a ser amavel.

Está dito. Em todo o caso, o par de luvas; mas, se a rosa não fór a mais bonita...

—Isso não!

—Porque?

—Por tudo!... Não vê que estamos sós?

—E que tem...?

—Pode alguém ver.

—Dê-m'o então na sala, diante de todos... Ora aqui a to! Que é da tal belleza? Não lh'o dizia?

—E' verdade!... Mas... como a julguei eu melhor que todas!... Ah! E' porque a via um pouco de lado, e...

—Qual!? E' que D. Rosinha, e, como lhe não chegava, era... a flór prohibida, formosa e quida filha de Eva!

—Sim? pois prohibido será tambem o fructo da aposta, horrivel! testado filho de Adão; a ver se lhe fica aplecendo mais que os de Dona...

—Tá! Tá! Ciumenta! nã evante calumnias,

BETTENCO, RAPOSO.

LOULE—TYP. DO LOULETANO

## ANNUNCIOS

### ARRENDAMENTO

Quem pretender arrendar a Quinta do «Pombal» pode dirija-se desde já directamente ao Banco Industrial do Porto ou a Manoel Rodrigues Corrêa.

Loulé, 25 de setembro de 1895.

Pelo Banco Industrial do Porto

Manoel Rodrigues Corrêa.

### ATENÇÃO

Quem quizer sortir-se de phosphoros de pau de 1.ª qualidade a 500 réis a grossa dirija-se ao largo de S. Francisco ao estabelecimento de

Manoel Rodrigues Corrêa.

### DINHEIRO A JURO

Dá-se a 8 por cento ao anno (para quantias não inferiores a 1:000\$000) com boas hypothecas.

N'esta redacção se diz.

### HOTEL DAS NAÇÕES

LARGO DA MAGDALENA, 85, 1.º E 2.º ANDAR

LISBOA

N'este hotel, um dos bem acreditados da capital, encontram os srs. viajantes, pelo preço de 10000 réis por dia, um bom tramento e quartos com o maior asseio.

O PROPRIETARIO,

Luiz Augusto Brandão.

### Armador e estofador

### ELYSIO SANTOS & C.ª

83 a 93—RUA AUGUSTA—LISBOA

Esta casa fornece estofos de todas as qualidades para decoração de casas, assim como alcatifas, oleados, passadeiras, mobílias modernas, etc.

Vende por atacado e a retalho para todos os pontos do paiz, para as ilhas e ultramar, satisfazendo com promptidão as encomendas que lhe são dirigidas e acompanhadas do valor em cheque ou de boas referencias em Lisboa.

A perfeição do trabalho das suas officinas fez com que esta casa obtivesse o diploma de menção honrosa na exposição industrial portugueza de 1888.

### FRANCISCO SIMÕES COUTINHO

3—RUA DOS CAPELLISTAS—5

Folha de Flandres de todas as qualidades, chumbo em barra, zinco, estanho, folha de ferro ondulada para telhados, arco de ferro, sortimento completo de ferragens e quinquerias tudo por preços sem competencia.

Azeites finissimos de procedencia de Abrantes e Castello Branco, por atacado e a retalho.

# PHOSPHOROS

Amorhos, cera e enxofre

FABRICA DA

Companhia Nacional de Phosphoros

Uma que apresenta o artigo tao aperfeiçoado por preço sem competencia.

DEPOSITARIO

JULIO MARQUES DA SILVA

RUA MARQUES DA SILVA, 7 (A ARROYOS)  
LISBOA

## MOLESTIAS DE PELLE

POMADA STYRACINA, cura prompta e radical de todas as molestias de pelle: as impingens, nodos, borbulhas, comichão, dardos, herpes, lepra, panno, sardas e feridas antigas.

### Creme das damas

Dá á face e a todo o corpo uma deliçada bran-cura, sem deixar o menor signal; tira as sardas, nodos, borbulhas e encobre os signaes das bexi-gas. Cada frasco 1\$200 réis.

Remette-se pelo correio a quem enviar a sua importancia em valle do correio, a Manoel Pinto Monteiro, Rua da Rosa, n.º 206—LISBOA.

## A'S PESSOAS QUEBRADAS

(COM o uso por algum tempo do emplastro AN-TEUPHELICO se curam todas as roturas (quebraduras) ainda que sejam muito antigas.

PREÇO DA CAIXA 1\$800 RÉIS

Egualmente se remette pelo correio a quem en-viar a sua importancia em valle, ou notas (carta registada) a

Manoel Pinto Monteiro

Rua da Rosa, n.º 206—LISBOA

## HOTEL MARQUES

POR CIMA DA ARCADE DA PRAÇA  
LOULÉ

Permanece aberto e optima-mente servido este antigo e acreditadissimo estabelecimento, onde todos os seus fregue-zes continuarão a encontrar, a par do extre-mo acio dos quartos, um magnifico serviço de mesa e a maxima modicidade de preços.

## HOTEL AVENIDA

PRAÇA, 28—LOULÉ

ESTE hotel recentemente montado, está nas condições de servir bem todos os seus freguezes.

Tambem se encarrega de jantares, lunches, ceias, quer no hotel, quer em qualquer sitio que lhe seja determinado.

Pede a protecção do respeitoavel publico o seu proprietario

MANOEL DE SOUZA VIENTEM.

## SEBASTIÃO CORPAS

COM ARMAZEM DE CEREAS E ESPARTO  
NO LARGO DE S. FRANCISCO  
LOULÉ

PARTICIPA aos seus antigos e numerosos freguezes que acaba de sortir os seus armazens com os seguintes generos:—fava, cevada, milho, trigo, feijão, grão de bico, farinha, farello, esparto, etc., tudo por preços convidativos.

## VENDE-SE

Uma morada de casas terreas com quintal, varanda e poço, situadas na rua da Larangeira, d'esta villa.

Quem pretender dirija-se a D. Eugenia Nobre da Silva, sua proprietaria.

## CARREIRA DE DILIGENCIAS

Pablo Garcia Delgado, com trens de alu-guer e diligencias para o caminho de ferro e S. Braz, fazendo os trasportes por preços bastante baratos; carros para condução de ma-las, para toda a parte da provincia e quaes-quer carros.

Encarrega-se de despachar encomendas para qualquer parte.

# GRANDE DEPOSITO DE MACHINAS DE COSTURA

DA BEM CONHECIDA CASA

## MEMORIA

DE

## SANTOS BEIRÃO & C.<sup>A</sup>

LISBOA



UNICOS vendedores da machina **Memoria**, que é, sem exagero, a melhor machina, mais perfeita e mais elegante de todas até hoje conhe-cidas.

Machinas para sapateiro, alfaiate e fazer meias, de varios systemas.

Vendas a prompto pagamento e a prestações. Ensino e concerto gratis.

Encarrega-se de satisfazer qualque pedido de velocipedes e bicycletes, para o que apresenta os respectivos cathalogs.

Estabelecimento e armazem de fazendas de lã, linho, algodão e seda  
LEITOS DE FERRO E LAVATORIOS

### AGENCIA DA

## COMPANHIA DOS TABACOS DE PORTUGAL

NOS CONCELHOS DE  
LOULÉ E AIBUFEIRA

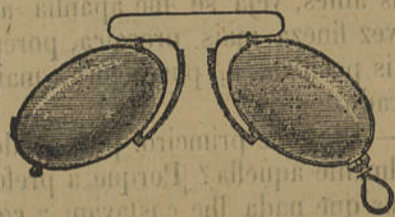
Vendas nas mesmas condições que a referida companhia. Depositos em Albufeira, Alte, Amexial, Boliqueime, Paderne e Salir.

## ARMAZEM DE VINHOS

Vinagre, azeite, aguardente, farinhas, cereaes, esparto, palma, petroleo, sabão, phosphoros e obra d'empreita.

## MERCEARIAS E DROGAS

Ferragens, tintas, candieiros, relogios, louças, vidros, perfumarias, quinquilherias, bijouterias, assucar em quadrados para chá ou café e outros artigos de novidade.  
(Especialidade em chá, café e chocolate)



Grande e completo sortido em  
OCULOS E LUNETAS  
de todos os graus

ESTANCIA DE MADEIRAS NACIONAES E ESTRANGEIRAS, Por preços modicos

LOULÉ—Manoel Rodrigues Corrêa.

NOVA MERCEARIA  
DE

## J. M. CAMPOS

RUA DA CONCEIÇÃO  
LOULÉ

Participa aos seus amigos e freguezes que acaba de abrir o seu estabelecimento de mercearias onde encontram um completo e varia-do sortido de generos de primeira qualidade, taes como: assucar, manteiga, farinha, gene-bra, cognac, licores e diversos artigos de quin-quilherias, que vende por preços reduzidos.

## SEMPRE BARATO

FAZENDAS, MODAS E CONFECÇÕES

MERCEARIAS

Vinhos finos do Porto e Madeira  
genebra, cognac e licores

QUINQUILHERIAS

Pannos de seda e crina para peneiras

BOM SORTIMENTO DE GRAVATAS

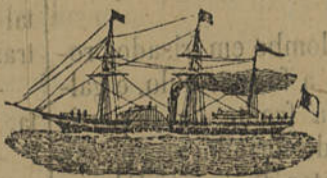
COLLARINHOS E PUNHOS DE BORRACHA

No estabelecimento

Alexandre J. N. Santos

LOULÉ

## EMPRESA DE NAVEGAÇÃO A VAPOR PARA O ALGARVE E GUADIANA



## GOMES VI

ESTE novo e excellente vapor, da carreira official entre Lisboa, Sines e portos do Algarve, sae de Lisboa impreterivelmente (salvo caso de força maior) nos dias 1 e 16 de cada mez, rec-bendo carga em Faro nos dias 5 e 20, para sair em 6 e 21.

## GOMES IV

CARREIRA SUPPLEMENTAR

ESTE já conhecido vapor acaba de inaugurar a sua carreira entre os portos do Algarve, Lis-boa e Porto, fazendo duas viagens quinzenaes.

Os srs. carregadores serão avisados com antecedencia dos dias em que recebe carga, São ex-celentes as acomodações de 1.ª e 2.ª camaras d'estes magnificos vapores, e o convez offerece aos passageiros de 3.ª classe commodidade relativa, abrigando-os dos rigores do tempo.

PREÇOS DAS PASSAGENS PARA LISBOA:—1.ª classe, 4\$000 réis; 2.ª classe, 3\$000 réis; 3.ª clas-se, 2\$000 réis.

Agente em Faro,

João Pereira d'Almeida.

## ATTENÇÃO

PABLO GARCIA DELGADO, com estabe-lecimento de fazendas de algodão, linho, se-da e lã, participa a todos os seus freguezes e ao publico em geral, que acaba de receber um bonito e variado sortido de fazendas pro-prias para a estação de verão tanto para se-nhoras como para cavalheiros:

Consta de setins-ricos-escocezes, irenes, chifas finas, primaveras, percaes, lãs para vestidos e sedas, tudo da ultima novidade.

Lenços de seda em cores, brancos e pre-tos. Casomiras meltons e cheviotes, e tudo ven-de por preços sem competencia!

Pede que visitem o seu estabelecimento na rua de S. Sebastião, n.ºs 68, 70, 72, 74, e Largo da Barbacem, 10 e 12.

## GUIA

DOS

## CORPOS ADMINISTRATIVOS

CONTENDO O DECRETO

DE 6 DE AGOSTO DE 1892

QUE APPROVOU

### A Reforma Administrativa E TODAS

As alterações que tem soffrido oCodigo Administrativo de 1886, desde a sua publi-cação até ao presente, dispostas pela ordem dos artigos do mesmo codigo.

Publicação util a todos os presidentes, ves-readores e secretarios das camaras munici-paes, administradores de concelho, membro-das commissões districtaes, das juntas de pa-rochia e em geral a todas as pessoas que tra-tem de negocios administrativos.

PREÇO 200 REIS

Pedidos ao edictor A. J. Rodrigues  
RUA LUZ SORIANO, 100, 1.º

## IMPRESSOS

Acham-se á venda n'esta typogra-phia impressos para Mappas estatís-ticos do movimento parechial mensal, a 400 reis cada caderno.

## TYPOGRAPHIA

DO

## LOULETANO

Esta typographia, que acaba de se installar n'esta villa, está montada em condições de sat-isfazer a todas as encomendas taes como: pro-curações, ordens e mandados de pagamento, at-testados, autoações, recibos, quitações de foros participações de casamento, envelopes e pape timbrados, e todos os impressos para repartições publicas, etc.

CARTÕES DE VISITA EM BRANCO

100—400 réis, 50—240, 25—160

CARTÃO DE LUTO

N.º 1—100—500 réis, 50—300, 25—200

N.º 2—100—600 réis, 50—350, 25—250

N.º 3—100—700 réis, 50—400, 25—300

N.º 4—100—800 réis, 50—450, 25—350

Garante-se o bom cartão, a promptidão e a nitidez, por isso que esta officina tem boas ma-chinas e typo novo.

## COMPANHIA DE SEGUROS

## TAGUS

FUNDADA EM 1877

SOCIEDADE ANONYMA  
de responsabilidade limitada

CAPITAL 1.200.000\$000 RÉIS

Sede em Lisboa, rua da Alfandega, 160—1.º

Effectua

## SEGUROS TERRESTRES

contra fogo casual ou procedido de raio e explo-são de gaz, sobre moveis, propriedades e estabe-lecimentos, em todo o reino, e

## SEGUROS MARITIMOS

contra avaria grossa e particular.

O agente em Loulé,

Manoel Rodrigues Corrêa.